

**JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS**



Ano XXXIV • Número 1155 • De 7 a 20 de janeiro de 2015
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

Padre António Vieira, completo

Textos de Carlos Reis e V. Soromenho Marques

PÁGINAS 24 A 26

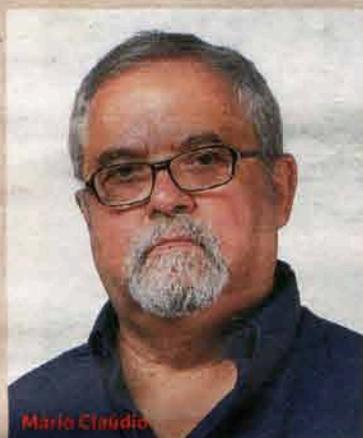
Boas 'entradas' teatrais

PÁGINAS 18 E 19

João de Melo, memória(s)

PÁGINA 32

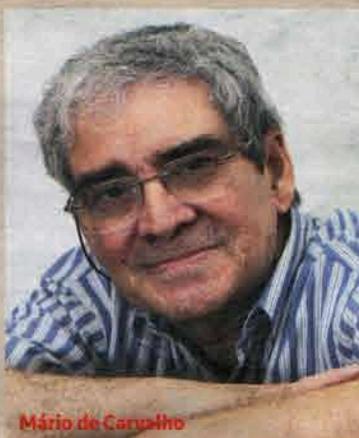
Camões • Agenda Cultural



Mário Cláudio



Teófilo Costa



Mário de Carvalho



Lídia Jorge



José Tolentino Mendonça



Julieta Monginho

O meu primeiro livro

A obra de estreia de um autor representa sempre alguma coisa especial para ele, tem 'antecedentes' e 'consequências', tem a sua história e as suas histórias. Nesta edição 14 conhecidos escritores dão o seu testemunho, escrevendo sobre o seu primeiro livro; e Miguel Real escreve sobre o tema

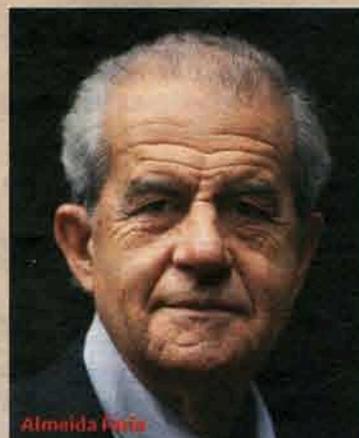
PÁGINAS 6 A 12



Fernando Pinto do Amaral



Inês Pedrosa



Almeida Faria



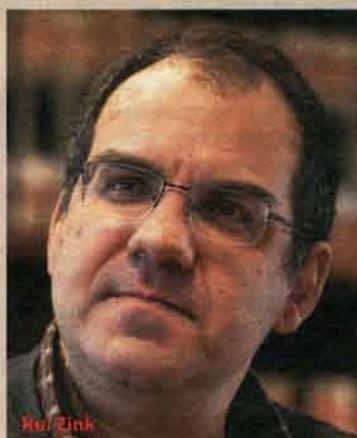
Luís Filipe Castro Mendes



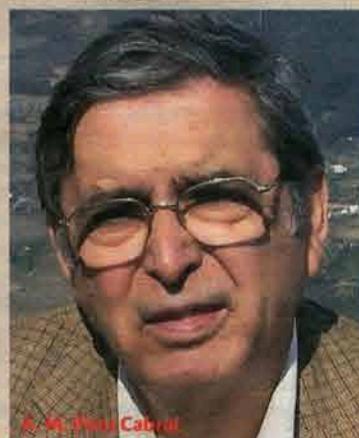
Paulo Castilho



Ana Isabel Amaral



Rui Zink



A. M. José Cabral

› O PRIMEIRO LIVRO ‹

O livro de estreia é importante para qualquer escritor. Uma vez fica a marcá-lo para toda a vida, pela positiva digamos, outras é até por ele apagado da sua bibliografia, outras ainda é apenas, e não pouco, o primeiro... Mas, em qualquer caso, sempre representa alguma coisa para o autor, tem a sua história e as suas histórias, os seus 'antecedentes' e as suas 'consequências'... Nesta ótica, o JL pediu a 14 conhecidos escritores (e a outros pedirá), de várias gerações, que escrevessem uma espécie de testemunho sobre o seu "caso", com cerca de 2500 a 3000 caracteres, sob o ângulo que entendessem - e houve até quem entendesse falar antes do quarto livro que editou, e quem, tendo-se estreado aos 19 anos com um romance que fez época, tenha limitado o seu texto a meia dúzia de linhas... Por sua vez, Miguel Real escreve sobre o tema, lembrando alguns primeiros livros particularmente relevantes



Eu disse-lhe a verdade, disse-lhe que ele estava vivo e bem vivo, que se encontrava acordado e bem acordado, e que eu era apenas a sua neta Lúcia, a filha



“
Um lugar entre o aqui e o além, um espaço indefinido onde os vivos os mortos convivem, e por isso alcançam tudo o que é possível alcançar em termos da nossa suposta sabedoria

Lúcia Jorge Dádiva

Vejo a entrada da Casa do Aroal como se tudo tivesse acontecido ontem. Primeiro surgiram as paredes altas, depois foi preciso percorrer o corredor escuro. No quarto do fundo, José Jorge Júnior encontrava-se sozinho. Quando me viu alegrou-se muito, estendeu a mão direita para que eu a beijasse e abençoou-me com fervor, tratando-me pelo nome próprio. Que alegria, eu era a filha do seu filho David. A sua mão ficou durante algum tempo pousada sobre a minha cabeça, enquanto

ele pensava na vida desse filho e no nascimento da sua neta. Mas em breve o meu avô se esqueceu de quem eu era, e de um momento para o outro passou a dirigir-se-me como se eu fosse a sua filha mais nova, a minha tia Deolinda. Deolinda vem, Deolinda afasta-te, Deolinda traz-me aquele copo de água. Não havia como não obedecer. Só que essa transfiguração não iria ficar por ali.

Em breve passei a ser também a sua filha do meio, a minha tia Assunção, e logo de seguida, passei a ser a minha tia Maria Jorge, a sua filha mais velha. Maria traz o copo, Maria leva o copo, agora afasta aquele pano. Eu bem queria explicar que não era nenhuma das suas filhas, mas não havia forma de José Jorge Júnior regressar à minha pessoa. A sua mão passava pela

minha cabeça, os seus olhos passavam pelo meu rosto, e eu para ele não era eu, eu tinha-me transformado no corpo das várias mulheres da sua vida. Pois além de ser todas as suas filhas, também passaria a ser a sua segunda mulher, a minha avó Elisa, mãe do meu pai, à quem



› O DIA DOS PRODÍGIOS

1979

ele chamava Esperancinha. E fui ainda a sua mulher mais antiga, Gertrudes, a mãe dos seus filhos mais velhos, e fui sendo várias outras figuras, incluindo algumas que eu apenas identificava pelo facto de terem sido mencionadas como raparigas com quem o meu avô havia mantido ligações especiais, personagens lendárias, muito mal vistas naquela casa de família. Até que por fim o meu avô enviou os olhos para muito longe, fê-los regressar sobre o meu rosto e voltou a reconhecer-me. Então perguntou-me, muito admirado - "Mas afinal eu estou morto ou estou vivo? Diz-me, minha neta." Tomou as minhas mãos entre as suas - "Diz-me a verdade. Será que eu já morri e estou a acordar no outro mundo? Diz-me a verdade, minha filha!"

do seu filho David. Mas ele não queria acreditar que eu fosse só eu, e que ele próprio não fosse um regressado a este mundo, apenas por um breve intervalo. Nesse confronto, passámos o resto da tarde. Era difícil despedirmo-nos. Eu tinha a ideia de estar a viver um momento irrepetível e prolongava-o. Mas só tive verdadeira consciência da importância de ter feito aquela visita ao meu avô paterno naquela tarde de verão, quando me coloquei diante dos cadernos onde garatujava *O Dia dos Prodígios* e compreendi que havia encontrado o ponto de vista que me faltava. Um lugar entre o aqui e o além, um espaço indefinido onde os vivos os mortos convivem, e por isso alcançam tudo o que é possível alcançar em termos da nossa suposta sabedoria. ■

Teolinda Gersão Escrever no deserto

■ O meu primeiro livro, *O Silêncio*, saiu em 1981, teve sucesso junto da crítica e dos leitores, mas não é dele que vou falar agora: continua a ser lido e reeditado, quem o procurar encontra-o nas livrarias. Prefiro lembrar-me das histórias em volta.

Entreguei o manuscrito dois anos antes na Bertand, que nunca mais decidia se o publicava ou não (na altura os editores só queriam nomes conhecidos e valores seguros, o filão dos “novos autores” e dos “primeiros livros” ainda estava longe de ser inventado, ou descoberto). Acabei por concorrer ao Prémio do Círculo de Leitores e o livro foi o mais votado pelo júri, como alguns jornais disseram, acrescentando que no entanto o prémio não me fora atribuído por o livro ter menos caracteres do que o regulamento exigia.

O valor pecuniário era enorme e fiquei um tanto decepcionada, mas achei que era justo ser excluída. Um regulamento é para cumprir e eu tinha feito mal as contas: multipliquei os caracteres de uma página pelo número de páginas e pensei que daria certo.

O não-prémio abriu no entanto a porta à publicação do romance, o que me pareceu suficientemente compensador. E a seguir aconteceram coisas que me deram alegria e me tocaram fundo: recebi de Vitorio Káli, o ganhador do prémio, o telefonema mais simpático da minha vida. Até hoje não o conheço pessoalmente, mas sempre lhe ficarei grata pelo que me disse na altura.

Chegou do Brasil um livro enviado por Rubem Braga, que eu nunca chegaria a conhecer (ele deixou-nos-ia em 1990). Mas foi o primeiro livro que recebi, de escritor para escritor, o que foi uma bela surpresa (como então referi numa entrevista ao JL, eu só ousaria considerar-me escritora depois de ter publicado seis livros). No entanto os meus pares não esperavam, reconheciam-me e acolhiam-me. Maria Teresa Horta escreveu: “Um dos livros que mais amei nos últimos anos”. E Vergílio Ferreira, com quem Hélder Godinho insistia que eu devia encontrar-me, apesar da minha resistência (em



“Escrever “para ninguém” é uma forma de loucura, e esse era o caminho por onde eu tinha entrado. Sem regresso

As Águas Livres contei essa ida a sua casa), escreveria mais tarde em *Conta-Corrente II*: “E findo o livro uma obscura alegria me tomou, contentamento quase clandestino, o de ter mais um cúmplice nesta loucura de encher a vida a escrever romances. Como se numa multidão indiferente alguém erguesse a voz para me saudar. Como se num deserto alguém esperasse para lhe passar testemunho. Como se de repente eu fosse menos louco”.

Muitos anos e 13 livros depois, entendo a profundidade da mensagem (do aviso?) que Vergílio me transmitia: os escritores escrevem no deserto, ou, o que é o mesmo, no meio de uma multidão indiferente. Escrever “para ninguém” é uma forma loucura, e esse era o caminho por onde eu tinha entrado. Sem regresso. ■■



▶ O SILÊNCIO
1981

A. M. Pires Cabral Alvorço de Abril

■ O meu primeiro livro chama-se *Algures a Nordeste* e fez agora 40 anos, tantos como a Revolução de Abril. Quer isto dizer que, ao tempo em que os capitães conspiravam no silêncio a na cumplicidade a queda da ditadura, congeminava eu, em igual silêncio e cumplicidade, neste caso cumplicidade comigo próprio, os poemas que haviam de sair no livro de estreia. Não sei quem – se os capitães de Abril, se eu próprio – andava mais alvorçado quanto a resultados. Hoje conhecemos os resultados do 25 de Abril: a democracia, com todas as suas virtudes e defeitos. Quanto aos resultados do meu livrinho, quem está interessado em conhecê-los? Eu próprio, por direito de paternidade, algum amigo solidário com as minhas angústias líricas e pouco mais. O 25 de Abril mexeu com as vidas dos portugueses em bloco; *Algures a Nordeste* mexeu com a minha – e já não foi pouco.

Algures a Nordeste, publicado aos 33 anos de idade – a idade canónica da morte dos Cristos, mas pouco canónica da estreia dos vates lusitanos –, reunia alguns poemas que vinha guardando na gaveta desde os meus anos de Coimbra, mas a maioria foi escrita de jacto em 1974, logo que se me encasquetou na cabeça que tinha de publicar um livro, desse lá por onde desse. Na sua génese está aquela bem conhecida balda dos trasmontanos de orbitar em torno do umbigo telúrico. *Algures a Nordeste* levava o elucidativo

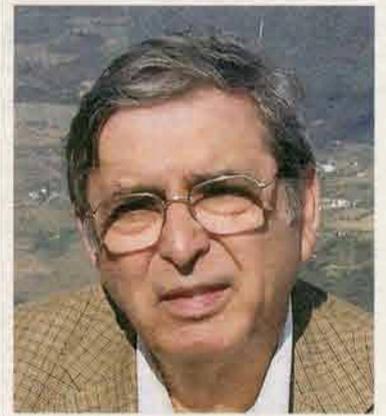
subtítulo de *Catálogo de feios, simples e humildes* e era isso mesmo: um passar em revista de alguns elementos do mundo rural trasmontano: pessoas, bichos, flores, coisas, usos e costumes.

O impulso inicial e modelo para este livro foi, creio, um livro marcante sobre o Douro publicado em 1963: *Poemas durienses*, de António Cabral, um poeta injustiçado. Deslumbrado com esse livro seminal, devo ter então concebido a ideia de publicar uma réplica nordestina, em que fosse palpável o mesmo amor e o mesmo respeito pela terra e por tudo quanto nela se contém. Só 11 anos depois publiquei essa réplica: um livrinho magricelas nas suas 80 páginas, com uma capa que eu próprio desenhei e cuja execução gráfica acompanhei com desvelo.

Cumprindo o ritual, enviei-o a alguns jornais e críticos, ficando a roer as unhas nervosas, à espera de alguma



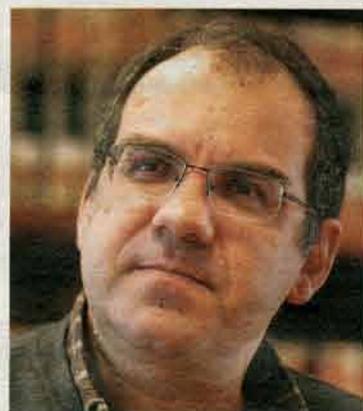
▶ ALGURES A NORDESTE
1974



“Está ali, nas páginas humildes e incipientes de *Algures a Nordeste*, o embrião de toda a minha poesia posterior, de todas as minhas inquietações, de todos os meus amores

resposta. E não é que a resposta veio mesmo? Primeiro Luís de Miranda Rocha, na *Vida Mundial*, depois Joaquim Manuel Magalhães, na RTP. Um e outros tais e tantas disseram, que acabei por me convencer de que estava ali alguma coisa que valia a pena. Valia, de facto? Mesmo 40 anos depois ainda é cedo para o dizer; o juízo da história precisa de mais tempo para sedimentar. Mas uma coisa pode desde já ser dita: está ali, nas páginas humildes e incipientes de *Algures a Nordeste*, o embrião de toda a minha poesia posterior, de todas as minhas inquietações, de todos os meus amores. Só por isso amo o livrinho. ■■

Rui Zink Descobrir a pólvora



■ Um primeiro livro É sempre um primeiro livro É igual e diferente do primeiro livro Mas é sempre um primeiro livro E, verdade seja dita Um primeiro livro é um primeiro Amor (só que ao contrário) Banha-nos de verdade É uma forma de sair do armário Ainda que fique na gaveta Um primeiro livro é uma primeira flor la a dizer boceta mas não digo (para bom Entendedor meio palavrão basta) Um primeiro livro é muita palavra (Isso mesmo, claro, gasta) E não é só a rima, é também a colina O descobrir a pólvora, o chegarmos lá Sozinhos, ao clímax máximo (Mãe, agora sem mãos) E, com sorte, também um dia Ao prémio do senhor dinamite E fazer enfim um suco discurso Em que até um sacerdote acredite.

“Um primeiro livro é um primeiro/ Amor (só que ao contrário)/ Banha-nos de verdade



▶ HOTEL LUSITANO
1987

Fernando Pinto do Amaral Cinza

Publiquei o meu primeiro livro em janeiro de 1990, faz agora 24 anos. Compõem-no poemas escritos na década de 1980 (entre 83 e 88) e ainda hoje é difícil perceber o que me levou a esse gesto – um certo desejo de partilha com os leitores, mas sobretudo a vontade de me libertar daqueles textos, de os fazer sair definitivamente de mim, de olhar para eles como se a partir daquele momento deixassem de me pertencer. Em todo o caso, é uma fronteira para lá da qual não há regresso. Fica-se obrigado a prosseguir ou cai-se num silêncio que passa a ser visto de outra maneira – aquele silêncio tão típico dos autores de um só livro ou das promessas por cumprir.

A verdade é que eu escrevia desde a adolescência e que o livro saiu quando já tinha 29 anos – e ainda bem. Devo esse hiato a alguma insegurança e sentido crítico, mas também ao facto de, aí pelos meus 20 ou 21 anos, ter mostrado uns poemas de juventude à Natália Correia, cujo Botequim eu frequentava esporadicamente, levado pela minha prima Teresa Coutinho. Embora assegurando-me ter gostado de alguns textos, a Natália aconselhou-me a esperar algum tempo para ver como evoluíam as coisas – e o mesmo fez, já em 84 ou 85, o Luís Miguel Nava, que fora meu professor em Letras e de quem entretanto me tornara amigo.

Mais para o final dos anos 1980 – já eu exercia crítica literária nos jornais, sobretudo aqui no JL –, foi o Manuel Herminio Monteiro, editor da Assírio & Alvim, que me pediu para lhe mostrar os poemas que escrevia, e foi graças ao seu estímulo que perdi o medo e decidi reunir aqueles cerca de 50 textos sob um título tão estranho como *Acédia*. Devo ao Herminio essa edição discreta, de 600 exemplares que o tempo veio a esgotar, e que despertou a curiosidade de algumas pessoas por causa do título. Procurei uma palavra que se adequasse àquela atmosfera melancólica, mas queria evitar “melancolia”, que na altura me parecia gasta ou pouco intensa. “Acédia” ou “acídia” surgiram-me como hipóteses a partir da leitura de um conjunto de ensaios de Giorgio Agamben (*Stanze*, Einaudi, 1977) e preferi a primeira por estar mais próxima da origem grega. Não é fácil dizer o que significa a acédia. Há quem a veja como um dos sete pecados capitais, associando-a à preguiça ou ao tédio, mas a sua irradiação semântica é mais difusa. As vítimas da acédia têm pouca energia para viver, passando o tempo mergulhadas nos seus fantasmas e nas suas recorrentes obsessões, implicando também uma dimensão de *spleen* físico e espiritual que naquela época me seduzia.



Aqueles poemas ali ficaram, para o bem e para o mal, como uma espécie de cinza que me serve de memória e testemunho desse tempo

Vinte e quatro anos e alguns outros livros depois, olho para aquele objeto e pelo menos a capa continua a agradar-me: um azul mate com uma profundidade na qual se destaca uma esfera amarela, quase dourada, no centro do retângulo, como um pequeno planeta no meio de um firmamento vazio, em trono do qual gravitam as letras com o título do livro e o meu nome. Uma capa que devo à arte do Manuel Rosa, que continua a produzir belos livros. Quanto aos poemas, não tenho por hábito relê-los, mas creio que, se o fizesse, teria uma sensação parecida com a que tenho quando por acaso descubro fotografias minhas tiradas há 20 ou 25 anos: ainda sou eu que estou ali, mas já não sou o mesmo eu. Era pior numas coisas, melhor noutras. Não conseguiria dizer o que se manteve e o que mudou ao longo do tempo, mas aqueles poemas ali ficaram, para o bem e para o mal, como uma espécie de cinza que me serve de memória e testemunho desse tempo. JL



▶ ACÉDIA
1990

José Tolentino Mendonça Endereço bíblico

Publiquei o meu primeiro livro há 25 anos, em 1990. Foi um ano intenso, que procurei viver como se não fosse: entre tantas outras coisas estava a estudar no estrangeiro nessa altura, ordenei-me padre e publiquei o meu primeiro livro. O título que encontrei tinha um claro endereço bíblico: “os dias contados”. E o volume abria com uma epígrafe do Livro da Sabedoria: “ensinai-nos a contar os nossos dias/para guiarmos o coração na sabedoria”. Gostava do duplo sentido desse contar: tanto podia ser o exercício convival do mero relato como a evidência, a terrível e inevitável evidência de que somos mortais. Essa mistura de possibilidades, sempre me acompanhou. Não como um poder, mas como uma pobreza, uma expressão do desejo.

Publiquei os meus primeiros poemas no suplemento juvenil do Diário de Notícias, o DN/Jovem. Foi para a minha geração um espaço muito importante. Depois, na Associação de Estudantes da Faculdade de Teologia, tive o projecto de uma revista de poesia, a *Salém*, partilhando a coordenação com a Isabel Salvado. Editamos quatro números. Por essa altura, conheci o poeta João Miguel Fernandes Jorge, que me correspon-



A poesia é desconhecer mesmo o que se sabe

deu com exemplar generosidade. E escolhi fazer a tese de licenciatura em teologia sobre a saudade de Deus em Ruy Belo. Foi uma aprendizagem. Os poemas iam acontecendo, não sei bem se à maneira do nadador que suprime a respiração ou daquele que finalmente respira.

Na Madeira não existiam propriamente editoras, situação que se mantém. Apenas a Direcção Regional de Cultura tinha uma chancela, onde

publicava coisas diversas, sobretudo no domínio da história insular, mas também alguma poesia. Eu não tinha qualquer referência. Em 1989, marquei uma entrevista com a directora desse serviço para apresentar-lhe o volume de originais. O livro esperou para ser avaliado por um conselho consultivo e, passados meses, telefonei para lá e responderam-me positivamente. Correu como um processo completamente anónimo, até um bocado burocrático. Pedi depois ao João Miguel Fernandes Jorge que escrevesse um texto prefacial. E à poeta Teresa M.G. Jardim que me oferecesse uma das suas imagens para a capa.

Houve, em Setembro de 1990, uma sessão de apresentação do livro no Funchal. Um dos intervenientes na apresentação foi o Edgar Silva que falou da importância da poesia na construção da cidade. Eu ouvia-o com encantamento e surpresa. A poesia é desconhecer mesmo o que se sabe. JL



▶ OS DIAS CONTADOS
1990

Luís Filipe Castro Mendes Recados, graças ao VGM

Eu andava de roda da poesia desde os meus 15 anos. Publiquei poemas no *Diário de Lisboa-Juvenil* (eu e muita gente, seria interessante voltar agora a publicar uma mostra desses poemas adolescentes de tantas e tão diversas pessoas...), e ali fui acolhido pela hospitaleira amizade do Mário Castrim e da Alice Vieira. Continuei sempre a escrever, através de todas as mudanças e andanças da minha vida, passada que foi a Revolução de Abril, iniciada já a minha carreira diplomática. Mas só com 33 anos é que finalmente julguei digno de poder ser publicado um livrinho meu de poemas, a que chamei *Recados*.

Foi em 1983, estava eu então colocado em Madrid e pedi ao José António Llardent, um bom amigo já falecido, grande tradutor de Fernando Pessoa para castelhano, que me lesse e ‘julgasse’ o texto. O José António achou-o publicável. Senti-me aprovado. Procurei então, em Lisboa, um editor. Depois de o Joaquim Manuel Magalhães ter recusado liminarmente a sua publicação na editora “A Regra do Jogo”, dirigi-me a medo com o

meu manuscrito (não havia internet nesse tempo) à Imprensa Nacional, onde o Vasco Graça Moura dirigia uma coleção para estreados, que se chamava “Plural”. Era a primeira vez que via o Vasco. Ele leu o texto e, para meu grande alívio e a bem da minha ansiedade, deu o seu acordo. Para a execução da edição (que era feita por uma editora portuense chamada “Gota de Água”), tive de ir ao Porto, cidade que me era então pouco familiar e onde me senti desde logo muito bem.

Não houve lançamento público.



▶ RECADOS
1983



Tive, no JL, uma crítica entusiástica de Eduardo Prado Coelho, que muito me sensibilizou

Tive, aqui no JL, uma crítica entusiástica de Eduardo Prado Coelho, que muito me sensibilizou e estimulou. Mas esse livro, mais tarde, em 1999, não foi incluído nos meus *Poemas Reunidos*, editados pela Quetzal, e isso por minha escolha e exclusiva responsabilidade. Merecê-lo-ia? Terei feito bem? Porque o enjeitei, afinal? Mas não vale a pena sentir remorso: de qualquer modo, a Quetzal já guilhotinou (ah *ca ira, ca ira, ca ira...*) todos os exemplares que restavam desses meus *Poemas Reunidos...* JL

Ana Luísa Amaral Notas nostálgicas

1. PEQUENO PRÓLOGO, OU DA GRATIDÃO:

Foi Maria Irene Ramalho que me disse: “A Ana Luísa tem que publicar os seus poemas. Faça isso, que eu escrevo-lhe um posfácio”. Eu assim fiz. E ela cumpriu a promessa: escreveu um “Duplo posfácio”, porque, entretanto, havia já publicado na revista *Via Latina* um ensaio intitulado “O sexo dos poetas: a propósito de uma nova voz na poesia portuguesa”. A gratidão instalou-se, e continua, à mistura com o mais importante: a amizade.

2. DO TÍTULO, E DE POÉTICAS RECICLAGENS

Quando ficou pronto das minhas mãos e foi para o correio, numa capa de argolas, tinha outro nome de baptismo. Anda algures por aí, numa gaveta, a carta de Soveral Martins, que dirigia a Fora do Texto. Essa carta dizia que tinham muito gosto em publicar *A impossível sarça*. Mas algumas pessoas a quem eu falava desse título, respondiam “A impossível farsa?”, e outras, “A impossível... quê?”. “Sarça!”, repetia eu, cada vez com

menos convicção. Acabou por ficar *Minha senhora de quê*, por causa de um poema que lá está e que dialoga com o livro e o poema de Maria Teresa Horta. Ainda tentei usar *A impossível sarça* como título para os livros seguintes, mas não lhes caía bem, era um vestido em desarranjo de mais. O que é certo é que esse primeiro título sempre me assombrou e acabou por ir para um poema de um livro recente, *Vozes*, já de 2011.

3. DA ESCRITA, E DE ALGUMA MATÉRIA

Os poemas já lá estavam havia muitos anos, escritos em folhas A4 dobradas ao meio. Eu dobrava a folha, passava os poemas à máquina de escrever, e o que ficava eram duas folhas de tamanho A5, não cortadas, que, quando agrupadas, se pareciam a um pequeno caderno. Tenho centenas dessas folhas em caixas, e foi de entre elas que saiu o livro. Eu ia escrevendo, tinha então o hábito de pôr datas nos poemas. Os poemas desse livro ocupam vários anos. Mas um livro não é o mesmo que poemas. Precisa de uma espécie de inteireza interna, ou coe-



Os poemas desse livro ocupam vários anos. Mas um livro não é o mesmo que poemas. Precisa de uma espécie de inteireza interna

rência. Os poemas são escritos à mão, em papéis que tanto podem ser soltos, pequenos e desiguais, como longos e regulares. O que mais me custou nesse livro não foi a sua escrita, que já lá estava, foi a sua organização, o que vinha antes, o que ficaria depois, os títulos das secções. E a capa.

4. DE OUTRA MATÉRIA

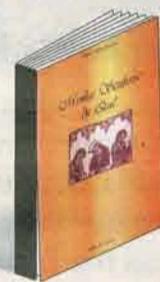
Ficou decidido que a sua cor seria amarelo torrado, com a reprodução

ao meio de uma pequena ilustração medieval do Codex Manesse, uma em que se vêem três mulheres, em poses diferentes, por detrás do que parecem ser ameias. Foi de Margarida Vieira a ideia de, antes de cada secção, e envolta numa moldura redonda, aparecer cada uma das mulheres. Como as secções eram quatro e as mulheres eram só três, para a última secção, uma pequena sequência chamada “Sequência em nota maior qualquer” repetiu-se a ilustração da capa, mas com as posições das mulheres todas trocadas. Lembro-me de me terem perguntado se eu queria ver provas, ao que eu, ingenuamente, respondi que não. Fui com uns amigos buscar o livro à estação das Devesas, em Vila Nova de Gaia. Lembro-me de abrir a caixa e ver lá dentro 20 livros, em dois grupos. Todos muito amarelos. Quando abri um deles e comecei a ver os poemas, senti um arrepião. O livro

tinha gralhas, havia aqui e ali versos que faltavam, e palavras erradas, como “escotilhadas”, em vez de “escotilhas”. Os livros tiveram que ser todos recolhidos e dentro de cada um foi colocada uma errata. Na errata, podia ler-se: “Quem, como a autora, cria um poema como o que tem por título *Técnica vs Artesanato*”, terá de compreender as irritantes trações ao editor da *galopante técnica* do computador. Corrigindo aquilo que o vírus da gralha atraçou, deverá o leitor, a quem pedimos desculpa de artesãos iniciados na computorização”... e, a seguir, o costume: “na página tal e tal, onde se lê, deve ler-se”...

5. PEQUENO EPÍLOGO

A gralha perseguiu-me. Na segunda edição do livro, da Quetzal, em 1999, houve outra gralha, inexistente na primeira edição. “Poética do Hades, quem mdera!”, lia-se num dos poemas, em vez de “Poética do Hades, quem me dera”. Não revi o livro como devia, e a Piedade Ferreira, da Quetzal, quando perguntada sobre a gralha, terá respondido: “Deixem estar, isso é coisa da Ana Luísa, é uma transgressão propositada”. Na poesia reunida, edição já de 2010, está tudo corrigido. Parece que vai haver mais uma poesia reunida, agora em 2015. Desta vez, não vou corrigir. Pelo menos, isso ficará, como nota nostálgica desse tempo de computorização ainda jovem. Isso, e a pergunta, hoje ainda: “Minha senhora... de quê?” **JL**



▶ MINHA SENHORA DE QUÊ

1990

ANTÓNIO DACOSTA
1914-2014



CENTRO DE ARTE MODERNA
GULBENKIAN

até 25 de janeiro



A Festa, 1942

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Avenida de Berna, 45
1067-001 Lisboa

www.gulbenkian.pt

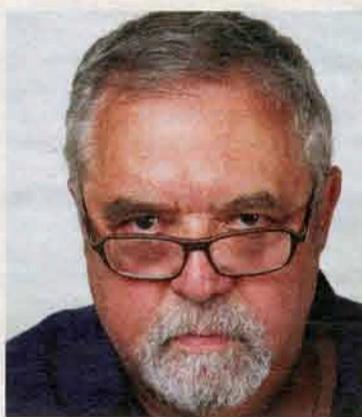
Mário Cláudio

O prazer e a necessidade

■ No autor que renega os seus frutos iniciais vejo sempre um pater-famílias que se toma demasiado a sério, e que hipocritamente rejeita os filhos bastardos, engendrados na juventude. Noutras ocasiões reconheço nele o viajante novo-rico que se repimpa no compartimento de primeira classe, isto como se nunca houvesse acomodado o traseiro no duro banco da segunda. Não tendo sido eu um menino prodígio, fico assim dispensado do destino que cumprem os prematuros génios, e que por regra consiste em levarem a vida a pedir perdão pelo tesouro com que os deuses, distraídos da fase etária em que os pobres se situavam, os contemplaram na embriaguez de um festim no Olimpo.

Publicado em 1969, quando me encontrava em bélicas andanças nas bolanhas da Guiné, devo a meu pai o desvelo com que acompanhou o nascimento do meu título inaugural, a impressão, e a revisão de provas, tudo efetuado a milhas e milhas de distância do meu paradeiro, ou seja, naquela a que pomposamente se chamava então "a Metrópole". Recebi portanto entre autos de corpo-de-delito, canhões e camuflados, os escassos exemplares, enriquecidos por uma ilustração de Derek Naylor, e revestidos por uma capa anódina, de tão deserta de enfeites, que apresentava a simples letragem *Ciclo de Cypris* em caracteres vermelhos, e a uma coluna em que cada vocábulo ocupava o seu lugar. Valerá a pena acrescentar que me senti comovido e grato, mas receoso de me haver afoitado não saberia eu dizer exatamente a quê?

O volumezito, contendo um punhado de composições tributárias do pendor neo-helénico em moda na altura, o de Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugénio de Andrade, mereceria a habitual meia dúzia de encómios de circunstância, e entre eles o que constava de uma carta assinada por Ferreira de Castro, saudando "a aurora largamente promissora", expressão que se me afiguraria o maior dos prémios a que me



Publicado quando me encontrava em bélicas andanças nas bolanhas da Guiné (...) Valerá a pena acrescentar que me senti comovido e grato, mas receoso de me haver afoitado não saberia eu dizer exatamente a quê?

julgava com direito.

Quanto ao mais experimentei, e disso não duvido agora, a mesma certeza que assaltara Virginia Woolf, ao chegar-lhe a notícia de que seria editado o romance com que se estrearia. Refiro-me à consciência de que jamais se volta a derivar igual prazer da escrita, mas tão-só a satisfação de uma necessidade, seguida de necessidade idêntica, e de mais uma, como este arrazoado não deixará de provar. JL



► CICLO DE CYPRIS

1969

Mário de Carvalho

O morro dos silêncios uivantes

■ Em vez de repetir, mais uma vez, a história da minha primeira publicação, o cheiro rebrilhante da capa, a surpresa dos amigos, os montinhos da *Sétima Esfera* a emagrecer nas bancas, deixem-me falar no quarto livro - *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho*. Quero deixar uma palavra de encorajamento e esperança aos novos escritores que tantas vezes - e com razão - se sentem injustiçados. Não exagero dizendo que *A Inaudita Guerra...* é um livro muito conhecido. Há 30 anos que gerações sucessivas de estudantes, no Ensino Secundário, acompanham programaticamente a minha burlesca invasão de Lisboa. As edições não têm parado.

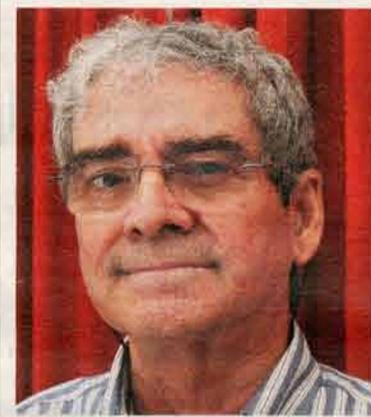
Mas a primeira infância do livro foi fácil? Houve uma epifania, uma luz fulgurante que fulminasse críticos, jornalistas,

livreiros, leitores, num ribombo de surpresa e exaltação? Nada disso.

A Inaudita Guerra... começou por ser publicada no suplemento literário de um jornal que havia então chamado *O Diário*. O todo deu; se me lembro bem, três páginas tablóides com ilustrações de bom tamanho e qualidade. O autor ficou encantado. E a família idem. Dois ou três amigos acenaram com simpatia. Mas, como mais tarde se comprovou, ninguém, absolutamente ninguém, tinha lido o conto. Quando ele foi publicado em volume, uns meses após, não houve quem acusasse o toque.

Pior: o livro foi recebido com um silêncio oco, tétrico. Quando muito uma menção bocejada aqui e além.

Houve uma breve entrevista (não digo onde) em que uma jovem jornalista, abelhuda e



“ Não deve desanimar o jovem escritor se lhe surgir pela frente a Via Sacra

toleirona, comentou com empáfia desdenhosa: "Inaudita guerra? Nome inaudito, convenhamos". Nem uma única das minhas palavras, dos meus palpites, das minhas impressões, das minhas declarações, em suma, compareceu nessa entrevista.

Por essa altura, vários pontificantes das páginas literárias (ia-as havendo...) já

Julieta Monginho

Allegro Moderato

■ Devem ser estas as dúvidas de um juiz, escrevi.

As dúvidas seriam do juiz, mas atormentavam a escritora. O computador instalado na biblioteca, situada no 1.º andar. A aparelhagem de música no rés-do-chão, numa salinha recolhida. Era ainda o tempo dos CD. Se havia telecomandos não me lembro. Só a escritora se movia. Os dedos, no teclado. Os passos, entre os dois andares, para voltar a pôr no início o disco, mal chegava ao fim. *Concertos Brandeburgueses*, a banda sonora que a escrita lhe pedia. Bach era a única presença consentida e a sua *Paixão* daria origem ao segundo livro.

Mas ainda não chegou lá, a escritora. Aliás, ainda nem a escritora chegou. Hesita. Sabe que arrisca o sossego da leitora feliz que sempre foi. Desta vez não está disposta a desistir, quer saber se é capaz. A primeira frase começou a desenhar uma personagem: Carlos, o juiz novato, às voltas

com as suas dúvidas. Aquela que escreve sabe que ele as terá até ao fim. Não até ao fim do livro mas até ao fim da vida; personagem que se esgote na última palavra do livro não merece nome, não merece nascer. Isso ela sabe, que lho ensinaram Tolstoi, Virginia Woolf, Franz Kafka, Eça de Queirós, Clarice Lispector e outros e outros. Todos se entreolhavam e segredavam entre si, aos risinhos, enquanto ela afinava os dedos para o teclado.

Havia então uma frase e uma personagem com vontade de



► JUÍZO PERFEITO

1996



“ Durante um ano, ou mais. Muito poucas linhas por noite. Poucas noites por semana. O trabalho no tribunal não dava tréguas. As dúvidas da personagem transitavam das páginas dos processos para as do romance

nascer. Havia o grande desejo de brincar com as palavras. Calvino, Perec, Cortázar, espreitavam por cima do meu ombro, premiam teclas imaginárias. Diziam-me ou

acusavam as atribuições do ensino. Salvo três ou quatro nomes retidos de outiva, faziam questão de ignorar a literatura portuguesa. Pareciam querer todos os autores a escrever como a Ruth Rendell ou a Patrícia Highsmith, que tinham então muita saída. Aliás, qualquer plumitivo manhoso lá dos confins do Texas seria sempre mais importante que um autor luso.

Mas, enfim, o livrito lá foi fazendo pela vida, voejando acima das omissões e sigilos, uns distraídos, outros rancorosos, que acabaram, eles sim, por sair tosquiados.

Não deve, pois, desanimar o jovem escritor se lhe surgir pela frente a Via Sacra, não a da Roma triunfal, mas a da lóbrega Jerusalém. São ossos do ofício. ■



▶ **CONTOS DA SÉTIMA ESFERA**

1987

te divertes com isto ou ficas lá em baixo a ouvir o teu Bach, escusas de andar nesse sobe e desce das escadas, ainda acordas a criança.

Durante um ano, ou mais. Muito poucas linhas por noite. Poucas noites por semana. O trabalho no tribunal não dava tréguas. As dúvidas da personagem transitavam das páginas dos processos para as do romance com uma estranheza que eu acolhia e sublinhava. Eram as mesmas (dúvidas novas - principiava a segunda frase), mas a linguagem conduzia-as para abismos que só a escrita me ajudou a descobrir. Carlos, o juiz, não era eu, embora não poucas vezes jurem que sim. Talvez um irmão inventado. Ou um amigo querido, a quem me une a viagem, ou seja, o modo de não habitar o lugar seguro.

Agora que tento recordar com rigor a felicidade da última frase, situo-a no inverno. O computador preso a outra secretária, a que ficava lá em baixo, na sala da lareira (era uma casa gelada, em Sintra). A aparelhagem mudada, com a família, para perto do calor.

Terão aprendido alguma coisa com Bach, essas frases que se iam juntando sem pressa, ainda incertas, *allegro moderato* - 1º andamento do terceiro concerto? ■

Inês Pedrosa Quando, quando, quando

■ A minha cabeça tem uma resistência anacrónica a fixar datas e números - embora possa ainda hoje recitar de cor a escolar "Balada da Neve" e cantarolar todo o repertório de Sérgio Godinho -, mas nunca esqueci a data do lançamento do meu primeiro romance: 5 de Maio de 1992. Quanto ao último, assim de repente, só me lembro que foi no fim de 2012 - numa festa, aliás comovente, no bellissimo Museu do Fado. Já agora, aproveito para anunciar que o próximo sairá em Fevereiro.

Tinha 29 anos quando publiquei esse primeiro romance, *A Instrução dos Amantes*, e estava tão feliz por ter conseguido construir uma história com princípio, meio e fim, e publicá-la numa editora séria, literária, cheia de autores nacionais e estrangeiros que eu admirava, que nem por um segundo pensei nas consequências - isto é, na exposição à crítica, na possibilidade de levar uma tarefa ou, pior ainda, de ser pura e simplesmente ignorada. Tinha a ideia cândida de que os leitores, mesmo os especializados, perdoariam as mais que prováveis falhas desse primeiro livro por se tratar exatamente de um primeiro livro.

Nessa vetusta época não havia cortejos de prémios para primeiras obras e as editoras ainda não andavam

desesperadamente à caça do génio-mais-jovem-e-mais-genial-dos-últimos-seis-meses. Não parecendo, isso era um descanso. Um jovem escritor nunca poderia pretender ser mais do que uma interessante promessa. Era o tempo do "cresce e aparece". Hoje vivemos o exacto oposto: quem cresce, desaparece.

Devo ao Nelson de Matos, então editor da Dom Quixote, o incentivo para terminar esse primeiro livro - e, por conseguinte, todos os outros, porque, digamos o que dissermos, a primeira vez é determinante. Sucedeu que um dia, numa conversa jornalística a propósito dos seus planos editoriais, o Nelson disse-me: "Quando acabar o seu romance, eu quero publicá-lo". Fiquei pasmada: como sabia ele que eu estava a escrever um romance? Sorrii e declarou



▶ **A INSTRUÇÃO DOS AMANTES**

1992



Eu sabia, ainda antes de ter aprendido a escrever, que as palavras seriam a minha vida. (...) E o carinho que recebi nessa noite inaugural (do lançamento de *A Instrução dos Amantes*) continua a aquecer-me e a conduzir-me, livro a livro

tranquilamente: "Vê-se no que escreve nos jornais que tem mão de escritora".

Esta profissão de fé foi fundamental; eu sabia, ainda antes de ter aprendido a escrever, que as palavras seriam a minha vida. Soube-o, rigorosamente, naquela tarde luminosa da minha infância - teria eu uns quatro ou cinco anos - em que o meu avô

materno me recitou de cor a *Lírica de Camões* enquanto remava comigo no rio Nabão, em Tomar. Essa tarde está aliás descrita nesse meu primeiro romance. Mas não sabia se seria capaz de escrever alguma coisa que alguém quisesse ler - e as dúvidas avolumavam-se ao correr dos anos, das leituras e da prática do jornalismo, com o ceticismo que ela implica. Acresce que, quando o Nelson de Matos me lançou aquele "quando", eu andava há anos a adiar o livro - tinha meia dúzia de capítulos esboçados, mas o trabalho intenso nas redacções de jornais - primeiro o JL, depois *O Independente* - dava-me o pretexto para a procrastinação contínua. Ora, se um grande editor estava à minha espera, eu não podia desiludi-lo - até porque fora educada para não desiludir ninguém, o que é uma corveia às vezes vantajosa.

Insisti infantilmente com o Nelson para que o livro fosse lançado numa festa com música, num sítio afinal muito literário - a Casa do Alentejo, que me apaixonara sobretudo por causa do deslumbrante *Requiem* que Antonio Tabucchi acabara de publicar. A infantilidade é quase sempre boa conselheira: nessa festa inesquecível juntaram-se muitos e variados amigos de múltiplas artes. E o António Alçada Baptista, que eu admirava muito mas conhecia mal, abraçou-me e foi pedir-me em casamento ao meu pai. Ainda mais infantil que eu, o senhor meu pai entrou nessa ficção calorosa e apanhou um susto valente. Vinte e dois anos depois, o carinho que recebi nessa noite inaugural continua a aquecer-me e a conduzir-me, livro a livro. ■

Paulo Castilho Um novo encanto

■ Hoje, antes de pegar em *O Outro Lado do Espelho*, lembrei-me de uma sessão em 1971 na cinemateca de Washington, onde eu então morava. Foi exibido um filme do Frank Capra e no fim o realizador apareceu para falar sobre a sua obra e responder a perguntas. No meio de comentários, que não primaram pela modéstia (*The Name Above the Title* é o título da sua autobiografia publicada nesse ano), contou-nos que lhe deu grande satisfação ter conseguido introduzir em alguns dos seus filmes cenas com uma carga erótica que o Código Hays proibia. Dito isto, parou,

sorriu e observou: é claro que comparadas com os filmes de hoje as minhas cenas eram *pink lemonade*.

O Outro Lado do Espelho



▶ **O OUTRO LADO DO ESPELHO**

1983

foi escrito em 1983, mas a história que nele se conta decorre em 1973. Há muitos, muitos anos que não o abria e quando agora o retirei do seu repouso lembrei-me da observação do Capra porque é verdade que o tempo transforma as coisas, ou seja, a forma como olhamos para elas. Folhiei o livro e comecei a ler passagens ao acaso. Mesmo do meu ponto de vista de autor das palavras impressas naquelas páginas, confirmei, como era inevitável, que o tempo voltou a fazer das suas.

Portugal de 1973 já não existe. Não existem também a *pop art*, a música dos anos 60, ou o Caruncho, no Lumiar, que era a nossa discoteca (dizia-se *boîte* naquele tempo). O cinema já não é o Antonioni, nem a *Nouvelle Vague*, nem os clássicos americanos dos anos 30, 40 e 50. Pior do que isso, a inocência e a intensidade dos



Mesmo do meu ponto de vista de autor das palavras impressas naquelas páginas, confirmei, como era inevitável, que o tempo voltou a fazer das suas. Portugal de 1973 já não existe

primeiros escritos passam também à categoria de memórias distantes. Mas há um ponto em que o paralelo com a limonada cor-de-rosa do Capra deixa de me servir porque é preciso ir um pouco mais além. Apesar de tudo ter mudado, e portanto desaparecido, as imagens e as ideias que estão em *O Outro Lado do Espelho* continuam a ser o reflexo de uma época e das pessoas e das vidas que nela existiram.

Ao contrário do que muita gente crê, a verdade é que nunca nos vemos livres do passado, individual e coletivo. O passado está nas nossas vidas e naquilo que somos, mesmo quando não nos apercebemos disso. Aceitemos portanto o nosso passado e os livros do passado. É certo que perderam o impacto e a urgência e que a sua intensidade poderá levar-nos a sorrir um pouco, mas creio que a passagem do tempo lhes traz um novo encanto e talvez uma nova vida. ■

Almeida Faria Enfrentar o abismo

Com *Rumor Branco* ainda datilografado, oficialmente o meu primeiro livro, concorri a um Prémio de Revelação e ganhei. Mas a verdadeira revelação foi, para mim, descobrir que inventar ficções e lutar com a linguagem era descer até onde fosse capaz, encontrar filões que desconhecia, enfrentar o abismo e, ao mesmo tempo, ter a sensação ou ilusão de conseguir levantar voo. Com sorte e teimosia, ficcionar é esperar alcançar alturas imprevisíveis. ■



► RUMOR BRANCO

1962



OS DIAS DA PROSA

Miguel Real

O primeiro romance

1 Exemplos históricos
Não existe um modelo fixo da emergência de um primeiro romance na história da literatura portuguesa. Muitas situações concretas têm sido historicamente possíveis, desde um primeiro romance praticamente invisível (sem que se tivesse dado por ele), como, por exemplo, *Os Pregos na Erva* (1962), de Maria Gabriela Llansol, até a primeiros romances explosivos, como, por exemplo, *O Dia dos Prodígios* (1980), de Lídia Jorge, ambos anunciando novas grandes autoras.

Primeiros romances de grande sucesso editorial, como, por exemplo, *Memória de Elefante* (1979) e *Os Cus de Judas* (1980), de António Lobo Antunes, foram posteriormente minimizados pelo próprio autor face à qualidade estética da sua obra seguinte.

Por outro lado, existem primeiros romances tão esteticamente adultos, de qualidade tão amadurecida, que abrem novos horizontes literários na cultura portuguesa, como, por exemplo (todos os casos adiante citados são exemplos), *Viagens na Minha Terra* (1846, publicado no intervalo da redacção de *O Arco de Sant'Ana*, romance histórico: 1845, 1^o vol.; 1850, 2^o vol.), de Almeida Garrett, e *O Crime do Padre Amaro* (3 versões: 1875, 76 e, a definitiva, 1880), de Eça de Queirós, os quais, de certo modo, fizeram vingar novas perspectivas literárias e culturais, o romantismo e o naturalismo respetivamente.

Existem igualmente primeiros romances que, mais do que um autor, anunciam uma necessidade social, como *As Pupilas do Senhor Reitor* (1866), de Júlio Diniz, que faz sobressair a combinação harmoniosa entre os valores clássicos e o individualismo ético mercantil propugnada pela "Regeneração" (1851) de Fontes Pereira de Melo; bem como *Gaibéus* (1939), de Alves Redol, que, após uma década de consolidação corporativista das instituições portuguesas, anuncia uma época de fortíssima resistência e combate contra o Estado Novo, que só terminará no dia 25 de Abril de 1974.

Há igualmente escritores cujo primeiro romance, de tão evidente qualidade, como que inultrapassável na oficina e no estilo do autor, se torna o seu único romance, como *Mau Tempo no Canal* (1944), de Vitorino Nemésio, superador, *avant la lettre*, das fortalezas literárias e ideológicas do presencismo e do neo-realismo. Outros primeiros romances evidenciam já um definitivo estilo autoral, marcante da totalidade da obra do escritor, como *A Cidade das Flores* (1959), de Augusto Abelaira. Com efeito, para Abelaira cada novo romance parece assumir-se como um grande capítulo de um único e vasto romance, em todos assumindo o ceticismo filosófico e a reflexão e releitura da História como marcas singulares da sua escrita.

Do mesmo modo, existem primeiros romances literariamente 'escandalosos' devido às suas explorações experimentalistas, como *A Noite e o Riso* (1969), de Nuno Bragança, que perturbou as consciências dos leitores adormecidos à sombra das categorias clássicas do romance, ou *Rumor Branco* (1962), e depois *Paixão* (1965), de Almeida Faria. A desenvoltura e a irreverência sintática e fonética do primeiro

romance deste autor geraram uma das mais vigorosas polémicas literárias, entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, o primeiro defendendo-o, o segundo atacando o novo estilo de escrita.

Um primeiro romance vencedor de um prémio literário (Prémio Almeida Garrett, com um júri constituído por Óscar Lopes, Mário Sacramento e Eduardo Prado Coelho), mas injusta e totalmente humilhado pela crítica jornalística de João Gaspar Simões, foi *Os Três Seios de Novélia* (1969), de Manuel da Silva Ramos.

Outros autores, dotados já de uma forte realização poética, transpuseram para os seus primeiros romances o seu espírito lírico, dramatizando-o, como José Régio, em *O Jogo da Cebra-Cega* (1934), ou Fernanda Botelho, em *O Ângulo Raso* (1957), ou ainda Maria Teresa Horta, em *As Mãos sobre o Corpo* (1970).

A maioria dos romances que perfazem o tecido da literatura portuguesa contemporânea não se constituiu a partir de obras de estreia dos autores antes dos da sua maturidade estética, como alguns das obras de Camilo Castelo Branco, Manuel Teixeira-Gomes, Vergílio Ferreira, Raul Brandão, Fernando Namora, José Cardoso Pires, Agustina Bessa-Luis, José Saramago, António Lobo Antunes, João de Melo, Teolinda Gersão, Mário de Carvalho, Rui Zink, Hélia Correia...

2 O ROMANCE COMO ALBERGUE ESPANHOL

Jean-Michel Barrault publicou um conhecido romance sobre o tema, *Percurso do Primeiro Romance*, traduzido para português em 2004 na extinta editora Campo das Letras, acompanhado de um *Jogo da Glória* aplicado aos momentos principais deste "percurso". Barrault problematiza, sobretudo, a expectativa desmesurada do novel autor face ao labirinto do mundo editorial, aos acasos livreiros que não raro ditam a sorte de vendas do primeiro romance e as presumidas incompreensões da crítica literária ou do mundo académico. No livro, o jovem autor, face ao fracasso absoluto do seu primeiro romance, inesperadamente, em vez de desistir de continuar a escrever inicia um novo romance.

Com esta cena final, Barrault quer significar que se o autor do primeiro romance obedece de facto a uma incógnita pulsão de

escrita nunca deixará de escrever, sentir-se-á interiormente forçado a escrever independentemente do sucesso ou fracasso da sua primeira obra e consciencializará que esta, porventura recheada de imperfeições literárias, é apenas o passo inicial de um "percurso" que um dia mais tarde o elevará à categoria cultural de "escritor". Se não sentir interiormente aquela incógnita pulsão estética, que o obrigará a superar todas as dificuldades, desistirá de imediato de ser escritor.

É o que sucede hoje, por exemplo, com os inúmeros autores que editam por si próprios ou se acolhem no catálogo de editoras especializadas em edições de facto de autor: professores, embaixadores, magistrados, médicos, funcionários públicos reformados que presumem ter a sua vida sido singular e interessante e, agora, que a reforma lhes concede tempo vazio suplementar, desatam a escrever romances, transformando este género literário num verdadeiro albergue espanhol. Não, o romance não é um albergue espanhol. ■



Não existe um modelo fixo da emergência de um primeiro romance na história da literatura portuguesa. Muitas situações concretas têm sido historicamente possíveis